

## **Pedro Cabral Santo, o Deus Formiga \***

por Marta Cordeiro

\* Publicado na revista Umbigo, N.30, 2009

### **RESUMO:**

O artigo analisa a obra *The Icecream from Space*, do artista Pedro Cabral Santo, estabelecendo uma ligação entre a obra *Os Embaixadores*, de Hans Holbein e as propostas de interacção contidas na instalação vídeo.

**Palavras-Chave:** Pedro Cabral Santo, Hans Holbein, interacção, vídeo, instalação, espectador.

Qualquer visitante da National Gallery que se coloque frente a *Os Embaixadores* (1533), de Hans Holbein, tenderá a procurar com o olhar, sentido privilegiado ao longo da História de Arte, perceber a forma alongada que se desenha na zona inferior da pintura. Precisar-se-á, no entanto, de se reposicionar enquanto *corpo no espaço* e seleccionar o local exacto, a posição e o ângulo correcto que permite decifrar e identificar a caveira para lá da mancha amorfa.

Tradicionalmente, a pintura privilegiou o olho, o olho do pintor e o do espectador que se uniam no ponto de fuga da representação e exemplos como o de Holbein são excepções capazes de traçar linhas de continuidade com propostas como a de Pedro Cabral Santo, onde o olho se transforma em corpo que, de forma efectiva, age num espaço e dessa acção faz depender a leitura da obra.

Na primeira versão de *The Icecream from Space*, o espectador é convidado a entrar num corredor dimensionado para um único visitante onde, em cada um dos lados, se encontra um gelado, um dos quais a derreter. Para aceder a estas peças o espectador terá que, à semelhança do público de um *peepshow*, dobrar o corpo e espreitar por um pequeno orifício equipado com uma lente (olho de peixe) que deforma e distancia os gelados. No fim do corredor encontra-se uma projecção vídeo em que um gelado – o mesmo gelado – mantém um diálogo com um interlocutor ausente, uma formiga que o gelado confunde com Deus.

Para aceder ao vídeo, o espectador necessita de deixar o lugar de quem assiste a um qualquer espectáculo que decorre alheio à sua presença e encontrar a posição que dá acesso, não à descodificação da anamorfose mas ao diálogo entre o gelado e o Deus-formiga, que pára quando o espectador se afasta dos sensores que activam o vídeo.

Se, em *Os Embaixadores*, encontramos o fascínio pela modernidade, presente nos instrumentos de medição dos astros e dos mares, capazes de encontrar novos continentes, em *The Icecream from Space*, como em muitas das obras de Cabral Santo, somos testemunhas da atracção pelas potencialidades das tecnologias no que respeita à capacidade de provocar “encantamento” no espectador, que se cruzam com os modos de fazer tradicionais da escultura. O que encontramos no vídeo e nos dois gelados das laterais do corredor é o mesmo, um mesmo construído com as matérias e processos tradicionais da escultura, onde a nobreza do material e da forma de fazer se sobrepõe ao “efeito” cenográfico; um mesmo modelado vectorialmente nos *softwares* que materializam a utopia cartesiana de Descartes. Um mesmo que é, acima de tudo, matéria, em ambos os casos uma matéria lúdica, a transposição do prazer do jogo para o campo da produção artística.

Na segunda versão da obra surge apenas a projecção vídeo onde nos deparamos com o gelado sozinho no meio de um ambiente inóspito. Este gelado seria um extraterrestre que teria caído acidentalmente na Terra e, devido aos efeitos do sol, estaria prestes a derreter; pede, por isso, ajuda a Deus, um Deus que surge na voz de uma formiga. O diálogo entre o gelado extraterrestre e a formiga, que assume o papel de Deus, é o diálogo entre aquele que, por não pertencer à Terra, se pode surpreender e um habitante da Terra que, por não pertencer à Humanidade, tem a capacidade de ajuizar, mantendo uma capacidade crítica e irónica capaz de abordar breve e incisivamente temáticas como a ecologia, a estranheza do planeta, a existência e bondade divinas ou o papel do artista. Neste caso, em que o gelado aparece como alegoria do artista, Cabral Santo apresenta uma espécie de visão utópica do artista enquanto gerador de questões que se encontram para lá da operacionalidade, funcionalidade ou pragmatismo – o que é o calor num planeta gelado? Ou, dito de outra forma, o gelado surge como esperança na capacidade de os indivíduos se questionarem e na liberdade de pensarem.

O gelado, sozinho, é a única marca humana na paisagem. Parece ser a bandeira de quem conquista ou o pelourinho onde se procede ao sacrifício. O gelado é um perna-de-pau, imagem de marca da sociedade de consumo, objecto ícone da contemporaneidade, capaz de conter a identidade ocidental. E está a derreter. Parece, de alguma forma, deixar um aviso relativamente a esta conquista do mundo feita pelos humanos – estamos a derreter. Infelizmente, somos “maus deuses” e, *Unfortenly, computers can't love...*

